



## “VER” PARA “MANDAR OLHAR...”

**Antonio Fausto Neto**

PPGCC - UNISINOS / RS

**Resumo:** Análise mostra através da análise do “questionário/ficha de inscrição” do Big Brother Brasil 3, os processos de criação de “pontos de vínculo” entre realidades midiáticas e não-midiáticas. Examina o papel de uma “enunciação rastreada, cujas regras implícitas antecedem a estrutura para funcionamento na esfera pública de uma modalidade de programa de televisão. Mostra operações discursivas de “privatização do sujeito” realizadas na ante-sala do processo produtivo sem as quais este não pode ser olhado na esfera pública. A leitura procura mostrar que este jogo que se propõe a um sujeito, nada mais é do que fórmulas de como pode ter vez o destino individual.

**Palavras-chave:** Televisão; *Reality-Show*, Leitura.

### **Alguns esclarecimentos iniciais**

Está na “ordem das leituras” o novo formato de programa televisivo denominado por “Talk e /ou Reality Shows”. Várias abordagens se destacam numa imensa literatura técnica procurando, dentre outras coisas, chamar atenção para a própria natureza – sociológica e comunicacional - deste formato de programa constituído pela conjugação e entrecruzamentos de gêneros, daí resultando o que se chama uma das dimensões do “infoentretenimento”(1). As análises também destacam as estratégias de “contratos de leituras”; os processos de interação, envolvendo participantes, estruturas de produção e diferentes auditórios; em suma angulações sobre os modos de ser e os efeitos do que alguns autores chamam de um produto da “neo-televisão”.(2) No cerne destas análises, se destaca a consideração do desaparecimento da “televisão massiva” - a terceira etapa de um ciclo histórico da televisão na qual os “Reality Shows” correspondem a um fenômeno que dá a televisão um papel singular, qual seja o da organização e de funcionamento de novas “aglomerações” (3).

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Semiótica da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Num passado mais distante, o tempo entre a ‘invenção midiática’, dos seus efeitos, e a sua “leitura” da parte do lugar da pesquisa, era marcado por um hiato, algo que pode ser explicado por várias razões. Possivelmente, os problemas advindos do funcionamento das mídias não impunham pressões tão imediatas sobre as condições de produção da pesquisa. Outrora, determinadas temporalidades tratavam de demarcar tempos e os “modos de agir” das mídias face ao lugar da pesquisa, e isso cuidava também de impor distinções entre as “coisas” e seus significados.

Na contemporaneidade, e nos seus tempos, a distinção entre as realidades midiáticas e epistêmicas parece não dissolvida. A capacidade operativa do campo dos mídias em produzir realidade, via seus mecanismos de auto referência e de heteroreferência, (4) converte suas produções em realidades que não apenas tematizam conteúdos e representações, mas repercutem sobre a eleição das questões tratadas pela pesquisa social, para não dizer sobre o próprio modo de funcionamento desta. Já não bastam as pesquisas sobre mensagens e efeitos, mas, agora deve ser sublinhado o papel da pesquisa como alimentadora e também como estruturadora da organização e funcionamento da agenda midiática na suas formas de discursividades.

Esta pequena divagação serve como ponto de passagem para construir a hipótese de que a realidade dos mass media se faz necessariamente por acomplamentos estruturais de agendas de diferentes campos sociais.

O que têm a ver estas questões sobre o propósito desta comunicação?

Pensamos em fazer uma certa leitura do fenômeno dos “Reality Shows” em função, sim, do assedio que faz ao processo de observação da pesquisa, mas elegendo um aspecto do objeto que não está claramente relacionado com as regras explícitas de produção do olhar sobre o seu funcionamento e nem no rol dos aspectos eleitos pelas investigações em curso.

Assim sendo, vamos eleger uma peça, nomeada ambigualmente como “ficha de inscrição” e/ou “questionário”, como objeto do nosso trabalho de leitura. Trata-se, de modo específico do “regulamento da inscrição para o processo de seleção dos participantes do Big Brother Brasil 3”, que foi divulgado pela rede Globo de televisão, via Internet, no período que antecedeu a realização do BBB na sua última versão, em 2003.

Este documento para nós tem o estatuto de uma mensagem ou de um discurso específico, que é produzido e é portador de várias operações igualmente complexas, pois

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Semiótica da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



segundo nossa hipótese nesta ficha/questionário estão instituídas as primeiras regras implícitas de constituição e de funcionamento do BBB. Tais regras se organizam em torno de dados de uma “realidade imaginada” cujo confeccionamento se dá no âmbito das “lógicas midiáticas”, mas com forte ênfase de cruzamentos de discursos não midiáticos.

### **A “montagem” de uma ‘política de olhar’**

Chamamos atenção para um conjunto de registros que se reportam sobre a estratégia de montagem do processo através do qual deverá ser organizada a “política de olhar” do BBB. Em primeiro lugar, destaca-se o fato de a “ficha /questionário” ser colocada à disposição dos interessados via Internet, o que significa dizer que este ato pressupõe um determinado tipo de candidato à participação, que nestes termos reúne o perfil da “geração interatividade”.

Inscrição e Questionário, são pois, dois momentos. No primeiro, as orientações gerais sobre as condições de “modo de acesso” à realidade do programa, ou seja prazos, chamada para observância das regras do regulamento através das quais começam a ser definidos os estatutos dos inscritos, participantes de um jogo bem como algumas das regras preliminares que devem, desde logo, ser observadas.

Para tanto, ainda nesta fase preliminar ocorre uma operação que estamos definindo como a “posse da imagem” através de mecanismo segundo o qual quem profere “o primeiro olhar” é o próprio campo da mídia. Isso ocorre quando o regulamento prevê que ao lado da ficha de inscrição, o candidato além de responder também o questionário, deve gravar uma fita contendo cinco minutos com sua imagem com conteúdo a ser livremente por ele escolhido. Significa que o “trabalho de anamnese” não se circunscreve ao inquérito – entrevista a ser respondida, mas que ele se desdobra num outro dispositivo, o qual, ao lado da apropriação da imagem do outro, visa rastreá-la e, dela fazer ou confiar a terceiros, seu uso unilateral. É sabido que as regras do BBB prevêem a utilização das imagens em qualquer mídia sem sofrerem nenhuma restrição, e sem que o participante possa ter alguma forma de controle sobre este manejo. Esta regra implícita de adesão ao jogo, e conseqüente participação, lembra que neste momento ocorre algo da ordem da “desposseção da imagem”, do próprio corpo das pessoas que concorrem. Com tal cessão, perdem o status de indivíduos para ir se constituindo num outro coletivo o de participantes — ou o de produtos midiáticos



— em cuja circunstância se integram a uma relação de objeto definida pela lógica do programa.

Antes de serem mostrados, os corpos/as imagens apropriadas, ao lado dos registros do inquérito – vão servir para que sejam definidos, de fato os corpos que, ao serem compatibilizados com os ideais do programa, possam, finalmente ser posteriormente mostrados/olhados na “esfera pública”. Esta problemática é comentada por pesquisas que além de denunciarem o aprisionamento de escopofílicos voluntários, lembram que os mesmos ficam obrigados a prestar ou a entregar seu corpo para um desfile interminável desfile nos processos midiáticos. (5) Sem dúvida que tais imagens vêm de outras realidades, mas quem as organiza, condicionando-as à princípios e enquadramentos, fazendo o “primeiro olhar”, é um outro “lugar operador” que, a seu modo, privatiza este corpo, apropriado à regimes de outras imagens, cuja lógica de posse é transformá-lo nas realidades de suas próprias enunciações. É um “olhar em privado” quem define o corpo escolhido a ser exposto a olhares posteriores. Portanto esta é a primeira operação de regras implícitas: “olhar para autorizar/instituir o segundo olhar”...

### **“Anamnese á distância”?**

O documento “double” de ficha e questionário – aponta para presença de “heterorefências”, isto é de marcas de discursos de realidades e de saberes, cujas enunciações transcendem as competências estritamente midiática. No caso do questionário, trata-se de levantamento de dados que somente poderia ocorrer pela mediação de instrumentos psico sociais, com os quais o campo midiático realiza, a seu modo, uma espécie de “anamnese à distância” do participante, com a finalidade de “conhecê-lo, inicialmente, para, em seguida, transformá-lo em objeto de olhar”

A exemplo da apropriação das imagens dos participantes, outros “fragmentos” deste corpo são igualmente transformados em “bancos de dados”, cujos registros e uso passam a ser de propriedade exclusiva do Programa. Para tanto, o fornecimento dos dados, via o preenchimento do questionário, é um ato obrigatório, sem o qual o participante não pode se inscrever. Ou seja, a sua inscrição não se trata apenas de uma adesão a um jogo, mas algo mais



que é o fornecimento, sem controle de informações de sua própria biografia pessoal. Este mecanismo é um exemplo ilustrativo de como as manifestações do campo das mídias aliam operações quem não pertenceriam às suas funções, na medida em que passam, enquanto instituições privadas, a exercer a posse e controle sobre dados de indivíduos os quais estabelecem contratualidades que não justificariam tais expedientes de privatização.

### **A estrutura da “anamnese”**

O questionário é um documento de 9 páginas, contendo 64 perguntas, inseridas ao longo de através de quatro blocos distintos assim denominados: “*dados pessoais*”; “*o básico*”; “*família e estilo de vida*”; “*médico e psicológico*”. Na sua quase totalidade, os quesitos estão estruturados em torno de perguntas abertas, à exceção de informações sobre os dados pessoais. Na base da primeira folha, existe informação que orienta sobre o preenchimento do questionário, agregando-se algumas advertências: “lembre-se acima de tudo, SEJA HONESTO. Qualquer resposta pode ser verificada para confirmação. Não responda a uma pergunta esperando dar uma resposta que ‘queremos’”.

De certa forma, o respondente é colocado num estado de suspeição, quando a “enunciação instrucional” o impele a um gesto de honestidade. Propõe que sejam evitadas cumplicidades nas respostas, embora algumas questões possam suscitar aquilo que deve ser evitado: “as respostas que queremos...”.

O documento verticaliza através de uma outra forma de olhar, um “exame” interiorizante sobre o corpo.

Nos dados gerais não bastam indicadores tão convencionais, mas algo que já possa evidenciar os contornos de algumas dimensões estetizantes deste corpo em julgamento, quando são solicitadas informações sobre peso e altura do participante. Ou ainda outras formas de inscrições no corpo, como por exemplo: “*você tem algum arte no corpo tatuagens, piercings, etc*). *Se sim descreva-as:*”



## **Mergulho na múltipla vida...**

Ao invés de perguntar “a que vem o participante”, o que seria algo previsto na estrutura das “primeiras entrevistas”, rastreia-se, na pergunta de abertura do item “Básico”, sobre a dimensão legal da identidade, ao se indagar sobre se “já alterou legalmente seu nome”, especulando sobre a sua nomeação com outros nomes.

A vida pessoal, no que diz respeito ao seu percurso é “pilhada” por uma bateria de perguntas. Não se pergunta apenas sobre o estado civil, e nem apenas sobre as todas e possíveis formas de relacionamento e respectiva duração. Mas interroga-se apenas aos casados, como o relacionamento do participante com o(a) conjugue seria avaliado numa escala classificatória (de 0 a 10). Porém, *sonhar* é possível, para não ficar apenas na classificação sobre o real. E, neste caso, independente da vida conjugal, “*descreva seu par romântico ideal*”.

Da vida pessoal salta-se para “vida legal”, ou observância do modo normativo de viver. Indaga-se sobre o passado, sob a égide da “lógica das ocorrências criminais”. Neste caso, o participante é indagado se já foi preso, acusado e condenado por crime, processado judicialmente, ou processado por alguém, se está envolvido em litígio judicial. Não se trata de perguntas genéricas, na medida em que o participante é instado a detalhar sobre cada situação, mencionando datas, local e estado onde ocorrera os fatos relatados. Os pedidos de respostas mais detalhadas operam como pedidos de “pistas”, o que não deixa de ser marcas de uma enunciação de um dispositivo que lança de uma maneira ampla e totalizante o seu olhar investigatório sobre seu “paciente”. Pouco sobra do passado, talvez apenas um pedido em que se pede comentários sobre ocorrências interessantes...

As motivações associativas, confessionais, políticas também não escapam ao percurso do inquérito, mediante questões genéricas como : “*a política é importante para você*”. “*Qual é a sua opinião sobre a religião?*” Ou “*você é filiado algum sindicato?*” E ainda “*você é associado ou filiado alguma organização?*”



## **A vida diante dos hábitos**

Rastreia-se outros movimentos que estes corpos fazem noutras redes, para além de suas próprias adjacências, especialmente as suas relações com as características de cada uma delas. Por exemplo, pede-se que comentem os relacionamentos com pai e mãe. Indaga-se sobre hábitos alimentares (prato preferido, restrições, alergias); sobre o consumo de bebida e de fumo, solicitando-se comentários sobre as chamadas “experiências-limite”, ou seja o comportamento relativo a situação quando o participante fica bêbado...

O corpo é transformado noutra forma de consumidor, quando pergunta-se sobre consumo midiáticos específicos; filme, programa de tv, esporte, leitura de revista, musical preferidos e favoritos.

## **A “anamnese”, de fato?**

A vida física e psíquica é penetrada pelo inquirido na forma de perguntas fechadas e abertas e de pedidos de detalhamentos quando registros de respostas às perguntas fechadas são insuficientes. Rastreia-se um “outro corpo”: suas doenças nos últimos três anos, pedindo-se suas “características, datas, diagnósticos, tratamentos e dificuldades subsequentes”, além das “alergias”, e fatores causativos, bem como as formas de tratamento. seu tratamento. As chamadas “doenças da alma” ou as suas periferias, são igualmente rastreadas, e neste caso pergunta-se ao participante já foi diagnosticado ou se recebeu tratamento por alcoolismo ou algum vício de droga, pedindo-se igualmente que se descreva com detalhes, inclusive quanto ao tempo em que esteve em tratamento”.

O trabalho da anamnese é radicalizado: busca-se agora compreender elementos de fundo dinâmico-psíquico-comportamental. Na mira da “escuta”, um outro corpo, cujas perguntas, de alguma forma, o situam como o “corpo dos sentimentos”. Para tanto, indaga sobre as lembranças de experiências realizadoras e positivas. Sobre, por exemplo, o tipo de humor, a frequência com que é perdido e as causas da sua perda. Busca-se um pouco mais, a vivência de situações protagonizantes. E, neste caso, se pede que, de alguma forma, o *“paciente as revise!”* Os temperamentos e suas formas são mapeados: *“quando foi a última*



*vez que você bateu, socou, chutou ou atirou alguma coisa com raiva? Por favor, detalhe”.* Perguntas tecnicamente neutras, segundo a tradição do “setting psicológico”): *“como lida com a raiva? Com alguém que o intimida; descreva seu dia perfeito; qual é seu herói e por que?”*. Assim pistas são levantadas, na forma de questões, deixando as respostas e suas respectivas considerações para o trabalho de “associação livre” do “paciente”.

### **Em busca do participante do desejado**

A última parte da “entrevista” concentra uma série de perguntas relacionadas diretamente sobre as relações do possível participante com o programa. Desloca-se de questões gerais para temas que dizem respeito aos possíveis vínculos a serem construídos entre participante e programa, especialmente pontos que possam ajudar a esclarecer as condições de sua inserção na “estrutura do jogo”. Indaga-se sobre como o participante lidaria com outras pessoas por tanto tempo numa casa fechada. Neste caso, especula-se sobre “tipos ideais” de pessoas que seriam, e não, convidadas pelo participante para com ela conviver na casa, se possível fosse esta condição. Particularmente, pergunta-se sobre o que o (a) irritaria ao conviver na casa com outras 11 pessoas, buscando-se saber também o que considera o que seria mais difícil numa convivência na casa do BB. Nestas questões, estão colocadas em termos implícitos dimensões sobre as incidências do perfil comportamental do(a) participante sobre as performances interativas. Especula-se sobre as condições “sócio-comportamentais” do candidato para o exercício deste “ritual de passagem”, especialmente as preocupações em torno de que tipos de sentidos este corpo poderia produzi-los diante de regras cuja máxima dominante é o fato dele estar sendo visto o tempo todo. Antes dele “jogar o jogo”, investiga-se sobre as potencialidades e possibilidades de como (e pode) jogar o jogo, até porque o participante estará sempre na fachada dos processos interativos. Neste caso, é importante saber, por exemplo, o que do mundo exterior, da realidade própria do participante, este levaria para casa, integrando-a numa realidade específica? Também especula-se como a realidade do jogo será jogada propriamente dita, ao se perguntar se “você tem uma estratégia para vencer o BB”?



## **Na antevisão dos desejos, “conhecer” hoje, o amanhã**

A operação investigativa da anamnese conclui-se por questões em torno dos desejos do participante, especialmente que tipo de realidade resultaria, como vida, desta realidade advinda do jogo. Neste caso, o “que você faria se o BB o tornasse famoso”. Ou seja, a pergunta tem um determinado enquadre na medida em que se interessa pelos desejos do participante apenas se os mesmos correspondem aos “ideais” do próprio programa, como por exemplo à fama.

É possível ganhar algo mais do que apenas o jogo, a competição? Para tanto, a penúltima pergunta faz dupla operação: explicita as razões do inquérito no sentido de fazer operar a presença do participante, e até ganhar o jogo para o qual se despoja. Mas também interrogar se além do “prêmio em dinheiro, o que se ganha ao vencer o BB”? É possível ganhos outros que ultrapassem a fama e o ganho financeiro? Algo que sugere pergunta meio que perdida no corpo do questionário, quando se indaga “você tem alguma aspiração a ser ator, cantor ou apresentador”? Ou seja, em que medida deseja prolongar as faculdades do seu corpo em continuar sendo olhado pelas diferentes encenações das realidades midiáticas?

## **Concluindo**

Estes comentários se restringem, pois, ao exame de um documento que para nós é o início do processo de institucionalização de “pontos de vínculo” que na experiência do BBB ilustra, dentre outras coisas, a realização do “enlace estrutural” entre realidades midiáticas e realidades não midiáticas.

Procura examinar as características e funcionamento de marcas do que chamamos de uma “enunciação rastreada”. Esta, ao mesmo tempo em que escuta, inquire, e investiga, também, apropria-se e autoriza. Está em busca do “quem és”, do “que tens”, do “que pensas”, “de como ages”, e de um “que queres”, em suma no sentido de “qualificar” à sua maneira, a transformação e produção de um coletivo: do indivíduo ao participante. De uma forma figurativa, a enunciação produz “sinais” de uma prática de uma “cena primária” onde são engendradas as etapas que antecedem o funcionamento na esfera pública de uma modalidade



de programa de televisão. Estas articulações, lidas à luz de uma observação para qual são úteis os bons ensinamentos das diferentes aportes teóricos e metodológicos sobre o funcionamento dos discursos sociais, procuram mostrar hipótese sobre a qual nos debruçamos noutras reflexões, e que nos parece propositiva para a compreensão do papel estratégico da discursivização midiática, hoje. Se a mídia é hoje a “própria esfera pública”, contudo a produz e a apresenta segundo regras de um “regime privado”, aquelas que emanam predominantemente de operações de suas “auto-referências”. Nos programas em análise, mostra-se um conjunto de processos de “privatização do sujeito”, ainda nas “*ante-salas*” do processo produtivo, sem as quais este não pode ser olhado. Ele é privatizado por regras que instituem o “ser olhado”. Tratando-se do primeiro olhar, cujo efeito de leitura é enviado à esfera pública, estas regras primeiras, formalizadas ao longo destes documentos preliminares — como a ficha de inscrição e do questionário — são, antes de olhares construídos por outros lugares da esfera pública, os dispositivos que instauram o “primeiro olhar” sobre este sujeito(participante), para assim constituí-lo e, também, instituí-lo como novo produto. Espécie de novo “sujeito” que nada mais é do que um fragmento de jogos (7), de estratégias e de representações que se propõem a apresentar hoje, as fórmulas de como pode ter vez o destino individual.

Sabemos que os mídias nos suscitam “vivências complexas”, mas talvez pouca compressão ainda das complexas operações que autorizam o corpo à novos regimes de “circulação social” (8). Ou a se enquadrar em novos regime de subjetividades, (9) desta feita construídas e restringidas por operações muito precisas, como aquelas que se reportam ao modo de como o corpo deve ser para que possa ser olhado.



## Notas Bibliográficas

- ANDACHT, Fernando. *El realitys shows: una perspectiva analítica de la televisión*. Ed. Norma, Buenos Aires, 2003.
- COSETTE, Francesco. ODIN, Roger. *Televisión mutations*. in *Communications*, Paris, nº51, 2000.
- FORD, Aníbal. *La marca de la bestia*. Ed. Norma, Buenos Aires, 2002.
- KRISTEVA, Júlia. *As novas doenças da alma.*, Ed. Riocco, Rio de Janeiro, 2002
- LUHMAN, Niklas. *La realidad de los mass medias*. Ed. Anthorpor, Madrid, 2002.
- PERUZZOLO, Adair C. *A circulação do corpo*. Ed. Facos – UFSM. Santa Maria, 1998.
- VERÓN, Eliseo. *Los publicos entre producción y recepción: problemas para una teoría del reconocimiento*. 2001. Cursos da arrabida.
- VERÓN, Eliseo. *Expedición Robinson, n'realidad ni ficción*. In: *Espacios Mentales*, Ed. Gedisa. Buenos Aires, 2002.
- VERÓN, Eliseo. *Destinatarios*. In: *Efectos de agenda*. Ed. Gedisa, Barcelona, 1999.